

ORIENTAÇÕES DE ESTUDOS DE FILOSOFIA

2

2^a
SÉRIE



Ensino Médio

Secretaria de
Educação



GOVERNO DO ESTADO
RIO DE JANEIRO



/SeeducRJ



/seeducrj



/seeducrjio

Secretaria de
Educação



GOVERNO DO ESTADO
RIO DE JANEIRO

Governo do Estado do Rio de Janeiro
Secretaria de Estado de Educação

Comte Bittencourt
Secretário de Estado de Educação

Andrea Marinho de Souza Franco
Subsecretária de Gestão de Ensino

Elizângela Lima
Superintendente Pedagógica

Coordenadoria de Área de conhecimento
Maria Claudia Chantre

Assistentes

Carla Lopes
Fabiano Farias de Souza
Roberto Farias
Verônica Nunes

Texto e conteúdo

Prof. Alexandre Botelho José
CIEP 394 Cândido Augusto Ribeiro Neto
Prof. Vitor Dantas de Moraes
C.E. Irineu José Ferreira
Prof. Diego Felipe de Souza Queiroz
Instituto de Educação Carmela Dutra

Capa

Luciano Cunha



Revisão de texto

Prof^a Alexandra de Sant Anna Amancio Pereira

Prof^a Andreia Cristina Jacurú Belletti

Prof^a Andreza Amorim de Oliveira Pacheco.

Prof^a Cristiane Póvoa Lessa

Prof^a Deolinda da Paz Gadelha

Prof^a Elizabete Costa Malheiros

Prof^a Ester Nunes da Silva Dutra

Prof^a Isabel Cristina Alves de Castro Guidão

Prof José Luiz Barbosa

Prof^a Karla Menezes Lopes Niels

Prof^a Kassia Fernandes da Cunha

Prof^a Leila Regina Medeiros Bartolini Silva

Prof^a Lidice Magna Itapeassú Borges

Prof^a Luize de Menezes Fernandes

Prof Mário Matias de Andrade Júnior

Paulo Roberto Ferrari Freitas

Prof^a Rosani Santos Rosa

Prof^a Saionara Teles De Menezes Alves

Prof Sammy Cardoso Dias

Prof Thiago Serpa Gomes da Rocha

Esse documento é uma curadoria de materiais que estão disponíveis na internet, somados à experiência autoral dos professores, sob a intenção de sistematizar conteúdos na forma de uma orientação de estudos.



Filosofia – Orientação de Estudos

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	6
2. AULA 1: Hora do vídeo!.....	7
3. AULA 2: Conhecimento para quê?	7
3.1 O que é conhecer?	8
3.2 A importância do conhecimento	9
3.3 Penso, logo existo!	10
4. AULA 3: #Papo de Filósofo: Marilena Chaui.....	12
4.1. A consciência: o eu, a pessoa, o cidadão e o sujeito	13
4.2. Vamos refletir:	15
5. AULA 4: Os diversos tipos de conhecimentos	15
5.1. Conhecimento Empírico ou Senso Comum ou Vulgar	16
5.2. Conhecimento Teológico ou Religioso	17
5.3. Conhecimento Filosófico	17
5.4. Conhecimento Científico	17
6. AULA 5: O “Enem” sabia disso?	19
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	20
7.1. Leitura Sugerida:	21
8. RESUMO.....	22
9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	22

Secretaria de
Educação



**GOVERNO DO ESTADO
RIO DE JANEIRO**

DISCIPLINA: Filosofia.

ORIENTAÇÕES DE ESTUDOS PARA FILOSOFIA

2º Bimestre de 2020 – 2ª Série do Ensino Médio

Prof. Alexandre Botelho José

META:

Apresentar a fundamentação para o domínio do próprio processo de construção e produção do conhecimento através dos diversos tipos de conhecimentos.

OBJETIVOS:

Ao final destas Orientações de Estudos, você deverá ser capaz de:

- Relacionar os diversos tipos de conhecimento.



1. INTRODUÇÃO

Caros alunos,

Vamos iniciar nossos estudos pensando como o conhecimento é formado. Refletiremos para que ele serve e sua importância para a nossa vida em todos os sentidos. Quando chegamos nesse ponto, nos remetemos a um grande filósofo que disse “Penso, logo existo!” E você, existe porque pensa ou pensa porque existe?

Vamos entender que o conhecimento humano provém da nossa percepção do mundo externo e da nossa capacidade mental, valorizando a experiência sensível e concreta como fonte do conhecimento e da investigação, ou seja, a forma como enxergamos o mundo.

O conhecimento da razão, da verdade e das ideias racionais são extremamente importantes, mas desde que estejam ligados à experiência, pois as ideias são adquiridas ao longo da vida e mediante o exercício da experiência sensorial e da reflexão que fazemos com tudo o que nos relacionamos.

Perceberemos que a Filosofia nos ajuda na reflexão e formulação de hipóteses, na observação, na verificação de dados com base nos experimentos, fazendo uma ponte para a ciência. A partir da valorização da experiência, surge o conhecimento científico, que antes se contentava em contemplar a natureza e então passa a querer dominá-la, buscando resultados práticos.

Dessa forma, iniciamos mais um bimestre intensificando os saberes e ampliando nossos conhecimentos filosóficos. Bons estudos!

2. AULA 1: Hora do vídeo!

No vídeo abaixo, os professores Luciano Ferreira da Silva e Daniele Maia falam sobre os tipos de conhecimento e suas características, bem como eles são utilizados em nossas vidas. Querem aprender? Vamos lá!



Acesse:

<https://youtu.be/mkGbDbZ3dXo>

3. AULA 2: Conhecimento para quê?

Como já estudamos, a Filosofia tem sempre o papel de fazer questionamentos e você mesmo já deve ter se perguntado: Como surgiu o mundo? Qual a verdadeira origem do ser humano e da natureza? Por que existe uma determinada harmonia física entre o ser humano e a natureza? Estas e outras tantas perguntas também foram feitas pelos filósofos pré- socráticos, ou seja, os filósofos da natureza, que fizeram uma *cosmologia*, que vem a ser o estudo sobre a origem do universo, os quais contribuíram significativamente para o pensamento ocidental. Muitas dessas perguntas também serão feitas por outras formas de conhecimento, tais como o senso comum ou vulgar, a religião, o mito e em destaque, a ciência.

Assim, podemos concluir que existem vários tipos de conhecimento. E o que difere um conhecimento do outro é o meio, a abordagem, enfim, o método que cada qual possui para tentar descobrir e avançar cada vez mais no interessante mundo da busca pelo saber. Mas como surge o conhecimento?

3.1 O que é conhecer?

De modo geral, conhecer significa o resultado da relação entre um **sujeito** (aquele que conhece), um **objeto** (o qual se quer conhecer) e ainda tem o **significado** (a imagem mental que temos do objeto). Então, temos uma relação tríplice entre o sujeito-objeto e o imagético que forma a opinião, ideia ou conceito que resultam dessa relação e que passa a habitar a subjetividade daquele que conhece. Você já percebeu que transformamos constantemente informação em conhecimento? Fazemos isso quando lemos uma notícia, estudamos atentamente alguma coisa ou mesmo quando pensamos sobre nós mesmos ou sobre a sociedade.

Mas para que conhecemos? Simples: para satisfazer a nossa enorme curiosidade a respeito das coisas. Engana-se, assim, quem pensa que pertence apenas à classe dos filósofos a tarefa de questionar sobre tudo. Os cientistas, os religiosos e as pessoas em geral formulam perguntas durante toda a sua existência. Isso porque buscar saber mais faz parte da própria natureza humana. Aristóteles (384-322 a.C) na sua principal obra, “A Metafísica”, já inicia com a seguinte frase: “Todos os homens têm naturalmente o desejo de conhecer”. Pode-se atribuir duas interpretações básicas a esta premissa aristotélica, a primeira é que ele busca estabelecer a razão como condição diferencial entre ser humano e natureza, entre homem e animal; e na outra, procura apresentar o conhecimento como condição necessária para afastar-se das meras opiniões, das explicações míticas sobre o mundo e sobre a existência.

Conhecimento (do lat. ‘cognoscere’: procurar saber, conhecer)

1. Função ou ato da vida psíquica que tem por efeito tornar um objeto presente aos sentidos ou à inteligência.

2. Apropriação intelectual de determinado campo empírico ou ideal de dados, tendo em vista dominá-los e utilizá-los. O termo “conhecimento” designa tanto a coisa conhecida quanto o ato de conhecer (subjetivo) e o fato de conhecer.

3. A teoria do conhecimento é uma disciplina filosófica que visa estudar os problemas levantados pela relação entre o sujeito cognoscente e o objeto conhecido. As teorias empiristas do conhecimento (como a de Hume) se opõem às intelectualistas (como a de Descartes).

JAPIASSÚ, H.; MARCONDES, D. **Dicionário básico de filosofia**. 5 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

3.2 A importância do conhecimento

Se pegarmos o pensamento aristotélico, pode-se dizer que os humanos se diferenciam do animal que não possui inteligência simbólica pela capacidade que os seres humanos têm de pensar e, ao fazê-lo, problematizar o seu entorno físico e cultural. Você já pensou sobre os problemas ao seu redor? Percebe como isso é importante?

Quando falamos de inteligência simbólica nos referimos à capacidade que temos de inferir sobre o objeto ao qual estamos buscando conhecer, no caso do entorno físico estamos nos referindo à Natureza propriamente dita; o céu, as árvores, o mar e tudo que nos rodeia. Já, o entorno cultural refere-se a tudo o que o ser humano produz ao ser, estar e agir no mundo, o que construímos seja de forma estrutural ou cultural; música, arte, etc.. Temos que ter em mente que o ser humano interfere na realidade natural e a modifica, enquanto os outros animais apenas são predominantemente adaptativos ao ambiente em que se encontram.

Um exemplo clássico que demonstra essa constatação é o caso do João-de-barro (*Furnarius Rufus*), o passarinho que, desde que existe na face da Terra, constrói a mesma moradia. Veja a foto ao lado e perceba que ele não usa uma inteligência simbólica, ele não “pensa” ou copia a casa dos outros pássaros, na verdade, essa construção é um produto de uma programação instintiva, a qual o João-de-barro não tem como negar e acaba fazendo intuitivamente.



Fonte:

[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Jo%C3%A3o_de_barro_\(Furnarius_rufus\).jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Jo%C3%A3o_de_barro_(Furnarius_rufus).jpg)

O ser humano, entretanto, começou morando em cavernas e ao contrário do João-de-barro, com o tempo acabou construindo suas próprias cabanas ou choupanas. Mais a frente, ao pensar, desenvolveu técnicas que possibilitaram a construção de casas de madeira, tijolos e cimento. Atualmente, ele utiliza estruturas arquitetônicas sofisticadas para construir todo tipo de moradia: edifícios altíssimos e casas que tentam ser à prova de terremotos e furacões.



Burj Khalifa Bin Zayid

Fonte: <https://pixabay.com/pt/photos/burj-khalifa-dubai-4922311/>

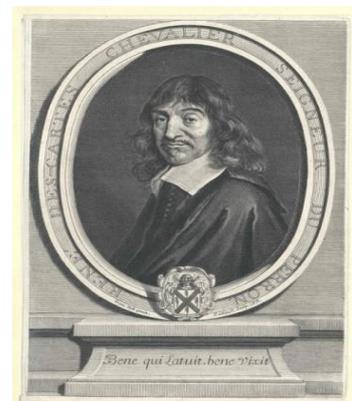
Como exemplo você pode ver a foto do *Burj Khalifa Bin Zayid*, anteriormente conhecido como *Burj Dubai*, que é um arranha-céu localizado em Dubai, nos Emirados Árabes Unidos, sendo a mais alta estrutura e, conseqüentemente, o maior arranha-céu já construído pelo ser humano, com 828 metros de altura e 160 andares.

Aí fica a pergunta, por que o humano progrediu e o João-de-barro, não? Já parou para pensar nisso? Uma pista para respondermos a essa pergunta é o fato de que o ser humano, à medida que ia explorando seu **objeto**, que seria a casa, a moradia. Também ia **pensando** sobre ele e

problematizando a arte de como fazer e construir casas cada vez melhores e mais confortáveis, coisa que o João-de-barro, até onde sabemos, não dá conta de realizar. A conclusão a que podemos chegar: pensar, sentir, problematizar e agir são ações importantíssimas no processo de produzir informações, conhecimentos e saberes e são atividades inerentes e exclusivas dos seres humanos.

3.3 Penso, logo existo!

Você já deve ter ouvido essa famosa frase de **René Descartes** (1596-1650), “*penso, logo existo*”, ela é uma das lições mais famosas da Filosofia. Muitos filósofos, desde Kant a Sartre, passaram pelos textos cartesianos e, em muitos casos, ajudaram a formular seus próprios construtos. A grande sacada está no conjunto de pensamentos que Descartes ajudou a construir. Foi a partir dos seus pensamentos que vários filósofos ajudaram a (re) pensar os grandes conceitos filosóficos e ajudaram a formar a Filosofia que



René Descartes

Fonte: <https://picryl.com/media/descartes-rene-4eaa8>

conhecemos hoje. Nesses conceitos podemos citar: o que é **substância**, o problema da **relação entre mente e corpo**, a noção de **sujeito**, o problema do **movimento** na física, as **paixões da alma**, os conceitos de **finalidade**, **verdade**, **identidade**, **erro** e muitos outros. Percebe como o pensar faz parte da nossa vida mesmo sem percebermos?

Quando pensamos em Descartes, pensamos logo na sua obra “Discurso do Método” e nela encontramos o que pode ser considerado o ponto de partida de toda a Filosofia Moderna e Contemporânea:

*Mas, logo em seguida, adverti que, enquanto eu queria assim pensar que tudo era falso, cumpria necessariamente que eu, que pensava, fosse alguma coisa. E notando que essa verdade: **eu penso logo existo**, era tão firme e tão certa que todas as mais extravagantes suposições dos céticos não seriam capazes de abalar, julguei que podia aceitá-la, sem escrúpulo, como o primeiro princípio da Filosofia que procurava.*

DESCARTES, R. Discurso do método; Meditações; Objeções e respostas; As paixões da alma; Cartas / René Descartes (1596-1650). In: **Os Pensadores**. Trad. J. Guinsburg e Bento Prado Jr. 3 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983, p. 46.

Partindo desse ponto, o que Descartes queria dizer é que a única coisa de que não podemos duvidar é de que estamos aqui fazendo os nossos próprios questionamentos. Portanto, a dúvida é o ponto de partida para a construção do conhecimento. Quando você pensa, reflete, ou, simplesmente, posta um texto pessoal nas redes sociais está formando algum tipo de conhecimento. Desse princípio, a afirmação de “penso, logo existo”, em latim, “*cogito, ergo sum*”, significa que o ser que pensa é verdadeiro, caso contrário, toda a existência perde a sua consistência; nada faria sentido.

Contudo, até esse momento, Descartes não conseguiu a garantia de que o seu pensamento efetivamente corresponda à realidade. É aí que podemos perguntar, o que é “real”? Quer um exemplo? Você já dormiu e no meio do sono sentiu que caía num buraco? Ou estava na rua e tinha quase certeza que estava sendo seguido, mesmo não tendo ninguém a sua vista? O próprio Descartes se perguntava como poderíamos ter certeza de que a nossa vida e o mundo como um todo não seriam apenas um sonho? O que garante que o meu raciocínio

corresponde à realidade ou que as coisas de nossa mente têm existência e não são mera imaginação? Para resolver esse problema e provar que o mundo tem realidade, ele queria demonstrar que a razão humana tem a capacidade de provar qualquer coisa, por isso, propôs-se a provar com ela a existência de Deus, pois seria a coisa mais difícil de ser provada. Se pudesse provar a existência de Deus com o uso da simples razão, então todas as outras coisas poderiam ser explicadas com a razão da mesma forma.

Apesar de ser uma questão antagônica, pois, na verdade, essa foi uma época marcante onde a razão passou a ter um papel fundamental para a construção de uma Filosofia Epistemológica, com isso, poderíamos entender e explicar a realidade apenas com o pensar racional e, assim, não se precisaria mais de crenças sobrenaturais. Percebem como é complexo o pensar e filosofar? Reflita na tirinha abaixo e veja como está “gastando” ou “investindo” o seu pensar. Será que gastamos tempo com assuntos que realmente nos importam?



Fonte: <https://tirasarmandinho.tumblr.com/>

4. AULA 3: #Papo de Filósofo: Marilena Chaui

No seu livro *Convite à Filosofia*, a Professora Marilena Chaui trata de pressupostos importantes para compreendermos como somos seres racionais e pensantes. Conscientes da nossa presença no mundo e consciente de nós mesmos. Então, vamos nos conhecer um pouco mais? Leia o excerto e responda os questionamentos abaixo:



MARILENA CHAUI

Fonte:

<https://artepensamento.com.br/autor/marilena-chau/>

4.1. A consciência: o eu, a pessoa, o cidadão e o sujeito

A teoria do conhecimento no seu todo realiza-se como reflexão do entendimento e baseia-se num pressuposto fundamental: o de que somos seres racionais conscientes.

O que se entende por consciência?

A capacidade humana para conhecer, para saber que conhece e para saber o que sabe que conhece. A consciência é um conhecimento (das coisas e de si) e um conhecimento desse conhecimento (reflexão). Do ponto de vista psicológico, a consciência é o sentimento de nossa própria identidade: é o **eu**, um fluxo temporal de estados corporais e mentais, que retém o passado na memória, percebe o presente pela atenção e espera o futuro pela imaginação e pelo pensamento. O **eu** é o centro ou a unidade de todos esses estados psíquicos.

A consciência psicológica ou o **eu** é formada por nossas **vivências**, isto é, pela maneira como sentimos e compreendemos o que se passa em nosso corpo e no mundo que nos rodeia, assim como o que se passa em nosso interior. É a maneira individual e própria com que cada um de nós percebe, imagina, lembra, opina, deseja, age, ama e odeia, sente prazer e dor, toma posição diante das coisas e dos outros, decide, sente-se feliz ou infeliz.

Do ponto de vista ético e moral, a consciência é a espontaneidade livre e racional para escolher, deliberar e agir conforme à liberdade, aos direitos alheios e ao dever. É a **pessoa** dotada de vontade livre e de responsabilidade. É a capacidade para compreender e interpretar sua situação e sua condição (física, mental, social, cultural, histórica), viver na companhia dos outros segundo as normas e os valores morais definidos por sua sociedade, agir tendo em vista fins escolhidos por deliberação e decisão, realizar as virtudes e, quando necessário, contrapor-se e opor-se aos valores estabelecidos em nome de outros, considerados mais adequados à liberdade e à responsabilidade.

Do ponto de vista político, a consciência é o **cidadão**, isto é, tanto o indivíduo situado no tecido das relações sociais, como portador de direitos e deveres, relacionando-se com a esfera pública do poder e das leis, quanto o membro de uma classe social, definido por sua situação e posição nessa classe, portador e defensor de interesses específicos de seu grupo ou de sua classe, relacionando-se com a esfera pública do poder e das leis.

A consciência moral (a pessoa) e a consciência política (o cidadão) formam-se pelas relações entre as vivências do **eu** e os valores e as instituições de sua sociedade ou de sua cultura. São as maneiras pelas quais nos relacionamos com os outros por meio de comportamentos e de práticas determinados pelos códigos morais (que definem

deveres, obrigações, virtudes) e políticos (que definem direitos, deveres e instituições coletivas públicas), a partir do modo como uma cultura e uma sociedade determinadas definem o bem e o mal, o justo e o injusto, o legítimo e o ilegítimo, o legal e o ilegal, o privado e o público. O **eu** é uma vivência e uma experiência que se realiza por comportamentos; a **pessoa** e o **cidadão** são a consciência como agente (moral e político), como **práxis**.

Do ponto de vista da teoria do conhecimento, a consciência é uma atividade sensível e intelectual dotada do poder de análise, síntese e representação. É o **sujeito**. Reconhece-se como diferente dos objetos, cria e descobre significações, institui sentidos, elabora conceitos, ideias, juízos e teorias. É dotado de capacidade para conhecer a si mesmo no ato do conhecimento, ou seja, é capaz de reflexão. É saber de si e saber sobre o mundo, manifestando-se como sujeito percebedor, imaginante, memorioso, falante e pensante. É o entendimento propriamente dito.

A consciência reflexiva ou o **sujeito do conhecimento** forma-se como atividade de análise e síntese, de representação e de significação voltadas para a explicação, descrição e interpretação da realidade e das outras três esferas da vida consciente (vida psíquica, moral e política), isto é, da posição do mundo natural e cultural e de si mesma como objetos de conhecimento. Apoiar-se em métodos de conhecer e buscar a verdade ou o verdadeiro. É o aspecto intelectual e teórico da consciência.

Ao contrário do **eu**, o **sujeito do conhecimento** não é uma vivência individual, mas aspira à universalidade, ou seja, à capacidade de conhecimento que seja idêntica em todos os seres humanos e com validade para todos os seres humanos, em todos os tempos e lugares. Assim, por exemplo, João pode gostar de geometria e Paula pode detestar essa matéria, mas o que ambos sentem não afetam os conceitos geométricos, nem os procedimentos matemáticos, cujo sentido e valor independem das vivências de ambos e são o objeto construído ou descoberto pelo sujeito do conhecimento.

Maria pode não saber que existe a física quântica e pode, ao ser informada sobre ela, não acreditar nela e não gostar da ideia de que seu corpo seja apenas movimento infinito de partículas invisíveis. Isso, porém, não afeta a validade e o sentido da ciência quântica, descoberta e conhecida pelo sujeito. Luíza tem lembranças agradáveis quando vê rosas amarelas; Antônio, porém, tem péssimas lembranças quando as vê. Porém, ver flores e cores, perceber qualidades, senti-las afetivamente não depende de que queiramos ou não vê-las, como não depende do nosso **eu** percebê-las espacialmente ou temporalmente. A percepção de cores, de seres espaciais e temporais se realiza em mim não apenas segundo minhas vivências psicológicas individuais, mas também segundo leis, normas, princípios de estruturação e organização das coisas, que

são as mesmas para todos os sujeitos percebedores. É com essa estruturação e organização que lida o **sujeito**. A vivência é singular (minha). O conhecimento é universal (nosso, de todos os seres humanos).

Eu, pessoa, cidadão e sujeito constituem a consciência como **subjetividade** ativa, sede da razão e do pensamento, capaz de identidade consigo mesma, virtude, direitos e verdade.

CHAUI, M. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ed. Ática, 2000.

4.2. Vamos refletir:

1. Quem é e como se constitui o “eu” segundo Marilena Chauí?
2. Você consegue se perceber como sujeito e cidadão? Faça um texto expressando como você se sente cidadão do mundo e a importância de sermos sujeitos do conhecimento.

5. AULA 4: Os diversos tipos de conhecimentos

E aí pessoal!

Vocês já devem ter percebido que existem diversas formas de “interpretar” o mundo. Por exemplo, se perguntarmos “Como o mundo foi criado?”, o **senso comum** pode dizer que pode ser obra do acaso; o conhecimento **religioso** vai dizer que foi Deus; a **mitologia grega** vai dizer que foi o Caos; a **ciência** já vai dizer que foi a Grande Explosão (ou *Teoria do Big Bang*) e por aí vai. Muitas seriam as respostas, em algumas você vai acreditar e outras você vai descartar, mas será que todas não



Fonte: <https://cdn.diferenca.com/imagens/tipos-de-conhecimento-01-0-cke.ioa>

teriam uma certa “verdade” nas suas explicações? Tudo vai depender do que você acredita e tente entender que a sua “verdade” não pode sobrepor a “verdade” do outro. Consegue compreender?

Perceba que a religião e o mito buscam explicações divinas para melhor compreender os fatos e acontecimentos da existência humana. E é a Filosofia que resgata os temas da mitologia grega e de forma racional, formula hipóteses lógico-argumentativas para dar novas explicações para aquilo que era puramente mitológico. Já o senso comum é conhecimento espontâneo, baseado em dados sensoriais, crenças e preconceitos que expressam a experiência de uma comunidade local, ou seja, são aquelas crenças aprendidas no decorrer da história e que passam de geração a geração sem um aprofundamento ou explicação científica. Serve também para resolver os problemas práticos do dia a dia, para integrar os indivíduos nos comportamentos e valores estabelecidos pela sociedade e para orientação da vida. Ele não fornece a explicação e nem permite a compreensão da verdadeira natureza da realidade. É a ciência que busca uma resposta baseada nos fatos e experimentações, mas nem ela pode dar uma resposta absoluta para todos os questionamentos da vida.

Vamos aprender um pouco mais sobre cada tipo de conhecimento?

5.1. Conhecimento Empírico ou Senso Comum ou Vulgar



Esse tipo de saber baseia-se na vivência espontânea da vida e começa a ser construído tão logo o homem seja lançado no mundo. Ele vive esse processo até o dia de sua morte. Por isso, tudo o que diz respeito à condução da vida na terra pode se tornar objeto a ser *explorado* e *representado* nesse nível de conhecimento da realidade. As características desse tipo de saber compreendem a não-sistematicidade, razão pela qual ele não é produzido com base em procedimentos metodológicos, feitos para conduzir a relação sujeito-objeto. O que resulta dessa relação com o mundo é um saber que muitos chamam saber empírico, vulgar, ou ainda, senso comum.

5.2. Conhecimento Teológico ou Religioso



Se o saber da vida se baseia na experiência do viver e é espontâneo, e se o conhecimento mítico fundamenta-se na crença em seres fantásticos, e é elaborado fora da lógica racional, o saber teológico fundamenta-se na fé. É dedutivo por partir de uma realidade universal para representar e atribuir sentido a realidades particulares. Desse modo, o conhecimento teológico parte da compreensão e da aceitação da existência de um Deus, ou de deuses, os quais constituem a razão de ser de todas as coisas. Esses seres "revelam-se" aos humanos. Dão ao homem e à mulher as suas verdades, as quais se caracterizam por ser indiscutíveis, inquestionáveis. Se assim é, a razão não precisa compreender esses dogmas, mas aceitá-los. É esse processo que o conhecimento teológico investiga e tenta explicar.

5.3. Conhecimento Filosófico



O conhecimento filosófico é racional. Baseia-se na especulação em torno do real, tendo como objeto a busca da verdade. Por isso, diz-se que é uma atitude. Ele é sistemático, mas não experimental. Vai à raiz das coisas e é produzido segundo o rigor lógico que a razão exige de um conhecimento que se quer buscando a verdade do existente. Nessa investigação, o conhecimento filosófico visa aos "porquês" de tudo o que existe. É ativo, pois coloca o humano à procura de respostas para as inúmeras perguntas que ele próprio pode formular. Exemplos: Quem é o homem? De onde ele veio? Para onde ele vai? Qual é o valor da vida humana? O que é o tempo? Qual é o sentido da vida?

5.4. Conhecimento Científico



Semelhantemente ao conhecimento filosófico, o saber científico também é racional e é produzido mediante a investigação da realidade, seja por meio de experimentos seja por meio da busca do entendimento lógico de fatos, fenômenos, relações, coisas, seres e acontecimentos que ocorrem na realidade cósmica, humana e natural. Trata-se de um conhecimento que é sistemático, metódico e

que não é realizado de maneira espontânea, intuitiva, baseada na fé ou simplesmente na lógica racional. Ele prevê, ainda, experimentação, validação e comprovação daquilo a que chega a título de representação do real. Mediante as leis que formula, o conhecimento científico possibilita ao ser humano elaborar instrumentos que são utilizados para intervir na realidade e transformá-la para melhor ou para pior.

No quadro a seguir, resumimos os tipos de conhecimento e suas formas de abordagens para se chegar à "verdade" de maneira mais próxima possível.

Tipos de Conhecimento	Crítérios de verdade	Objetivação	Metodologia	Relação Sujeito-Objeto
Conhecimento Empírico ou Senso Comum ou Vulgar	Cultura ética e moral	Tradição cultural	Crenças silenciosas, tentativas e erros (ideologias)	Relação interpessoal, onde a ideologia estabelecida pelas ideias dominantes e pelos poderes estabelecidos
Conhecimento Teológico ou Religioso	Fé	Dogmatismo e Doutrinação	Experiência Pessoal	Relação suprapessoal, onde a revelação se manifesta sobrenaturalmente ao profano através do rito (dramatização do mito / da liturgia religiosa).
Conhecimento Filosófico	Razão	Razão Discursiva e Dialógica	Dialética (O discurso)	Relação transpessoal, onde a palavra diz as coisas. O mundo se manifesta pelos fenômenos.
Conhecimento Científico	Experimentação	Objetividade, comprovação de uma determinada tese de modo objetivo	Observação e Experimentação	Relação "impessoal", isenção do cientista diante da sua pesquisa

Fonte: SOUZA, C. *Metodologia da Pesquisa Científica*. Rio de Janeiro: UNESA, 2020, p. 9.



#Parasabermais:

<https://www.diferenca.com/conhecimento-empirico-cientifico-filosofico-e-teologico/>

6. AULA 5: O “Enem” sabia disso?

1. (Enem/2012)

Para Platão, o que havia de verdadeiro em Parmênides era que o objeto de conhecimento é um objeto de razão e não de sensação, e era preciso estabelecer uma relação entre objeto racional e objeto sensível ou material que privilegiasse o primeiro em detrimento do segundo. Lenta, mas irresistivelmente, a Doutrina das Ideias formava-se em sua mente.

ZINGANO, M. *Platão e Aristóteles: o fascínio da filosofia*. São Paulo: Odysseus, 2012 (adaptado).

O texto faz referência à relação entre razão e sensação, um aspecto essencial da Doutrina das Ideias de Platão (427 a.C.-346 a.C.). De acordo com o texto, como Platão se situa diante dessa relação?

- a) Estabelecendo um abismo intransponível entre as duas.
- b) Privilegiando os sentidos e subordinando o conhecimento a eles.
- c) Atendo-se à posição de Parmênides de que razão e sensação são inseparáveis.
- d) Afirmando que a razão é capaz de gerar conhecimento, mas a sensação não.
- e) Rejeitando a posição de Parmênides de que a sensação é superior à razão.

2. (Enem/2013)

Até hoje admite-se que nosso conhecimento se devia regular pelos objetos; porém, todas as tentativas para descobrir, mediante conceitos, algo que ampliasse nosso conhecimento malogravam-se com esse pressuposto. Tentemos, pois, uma vez, experimentar se não se resolverão melhor as tarefas da metafísica, admitindo que os objetos se deveriam regular pelo nosso conhecimento.

KANT, I. *Crítica da razão pura*. Lisboa: Calouste-Gulbenkian, 1994 (adaptado).

O trecho que você acabou de ler é uma referência ao que ficou conhecido como revolução copernicana da filosofia. Nele, confrontam-se duas posições filosóficas que

- a) assumem pontos de vista opostos acerca da natureza do conhecimento.
- b) defendem que o conhecimento é impossível, restando-nos somente o ceticismo.
- c) revelam a relação de interdependência entre os dados da experiência e a reflexão filosófica.
- d) apostam, no que diz respeito às tarefas da filosofia, na primazia das ideias em relação aos objetos.
- e) refutam-se mutuamente quanto à natureza do nosso conhecimento e são ambas recusadas por Kant.

3. (Enem/2013)

TEXTO I

Há já algum tempo eu me apercebi de que, desde meus primeiros anos, recebera muitas falsas opiniões como verdadeiras, e de que aquilo que depois eu fundei em princípios tão mal assegurados não podia ser senão muito duvidoso e incerto. Era necessário tentar seriamente, uma vez em minha vida, desfazer-me de todas as opiniões a que até então dera crédito, e começar tudo novamente a fim de estabelecer um saber firme e inabalável.

DESCARTES, R. *Meditações concernentes à Primeira Filosofia*. São Paulo: Abril Cultural, 1973 (adaptado).

TEXTO II

É o caráter radical do que se procura que exige a radicalização do próprio processo de busca. Se todo o espaço for ocupado pela dúvida, qualquer certeza que aparecer a partir daí terá sido de alguma forma gerada pela própria dúvida, e não será seguramente nenhuma daquelas que foram anteriormente varridas por essa mesma dúvida.

SILVA, F.L. **Descartes**. A metafísica da modernidade. São Paulo: Moderna, 2001 (adaptado).

A exposição e a análise do projeto cartesiano indicam que, para viabilizar a reconstrução radical do conhecimento, deve-se

- a) retomar o método da tradição para edificar a ciência com legitimidade.
- b) questionar de forma ampla e profunda as antigas ideias e concepções.
- c) investigar os conteúdos da consciência dos homens menos esclarecidos.
- d) buscar uma via para eliminar da memória saberes antigos e ultrapassados.
- e) encontrar ideias e pensamentos evidentes que dispensam ser questionados.

4. (Enem/2011)

Diferente do que o senso comum acredita, as lagartas de borboletas não possuem voracidade generalizada. Um estudo mostrou que as borboletas de asas transparentes da família *Ithomiinae*, comuns na Floresta Amazônica e na Mata Atlântica, consomem, sobretudo, plantas da família *Solanaceae*, a mesma do tomate. Contudo, os ancestrais dessas borboletas consumiam espécies vegetais da família *Apocinaceae*, mas a quantidade dessas plantas parece não ter sido suficiente para garantir o suprimento alimentar dessas borboletas.

Nesse texto, a ideia do senso comum é confrontada com os conhecimentos científicos, ao se entender que as larvas das borboletas *Ithomiinae* encontradas atualmente na Mata Atlântica e na Floresta Amazônica, apresentam

- a) facilidade em digerir todas as plantas desses locais.
- b) interação com as plantas hospedeiras da família *Apocinaceae*.
- c) adaptação para se alimentar de todas as plantas desses locais
- d) voracidade indiscriminada por todas as plantas existentes nesses locais.
- e) especificidade pelas plantas da família *Solanaceae* existentes nesses locais.

Fonte: <http://educacao.globo.com>

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ufa!!! Chegamos ao final do nosso bate-papo e conhecemos o “conhecer”, não é mesmo? Aprendemos muitas coisas nesse bimestre e compreendemos como a construção do conhecimento se dá nas mais diversas esferas. Podemos facilmente relacionar o conhecimento ao “saber”, e a partir daí chegar ao verdadeiro conhecimento, diferente da mera opinião.

Percebemos que os conceitos podem ter diversas fontes e quando estabelecemos algum juízo frente a determinado objeto ou assunto, ou ainda, pessoa ou situação, são eles que constroem a forma em que vemos a “verdade”. Dessa forma o conhecimento é construído de forma racional e diversa, em que exista uma base prévia de informações que fundamente a “perfeição” da ideia, diante de um conjunto capaz de comprovar os embasamentos levantados.

Entenda e perceba, nós temos que aprender a respeitar a opinião do outro, pois a forma que ele vê a vida depende de todos os tipos de conhecimentos que aprendemos nessa OE e agora que você sabe disso pode compreender que cada um tem a sua “verdade” que perpassa por todas as formas de conhecimento.

Porém, não vamos descansar, pois aprender não ocupa espaço. Por isso, deixo abaixo uma sugestão de leitura para o seu investimento filosófico!

7.1. Leitura Sugerida:



- A teoria do conhecimento: Uma Introdução Temática

Autores: Paul k. Moser; Dwayne H. Mulder; J. D. Trout.

Editora: WMF Martins Fontes - POD.

Resumo: A teoria do conhecimento explica as principais ideias e os grandes problemas da epistemologia contemporânea sem entrar em excessivos detalhes técnicos. Abrangente e repleto de exemplos põem em evidência os debates contemporâneos sobre a definição, as fontes e os limites do conhecimento humano. Trata de temas fundamentais, como a natureza da crença, as diversas teorias da verdade, a justificação epistêmica, o problema de Gettier, o ceticismo e a racionalidade epistêmica. O texto identifica os vínculos significativos que ligam as questões epistemológicas tradicionais à ciência cognitiva, à história das ciências, à sociologia do conhecimento e aos estudos transculturais. A teoria do conhecimento culmina com a apresentação de questões ligadas ao próprio método da epistemologia e faz um exame das raízes profundas das correntes analíticas contemporâneas dessa ciência.

8. RESUMO

Nestas Orientações de Estudos 1 – Bimestre 2 de 2020, Filosofia – 2ª série, você aprendeu:

- No vídeo proposto que o conhecimento pode ser construído a partir de diversas perspectivas e são úteis para a nossa vida;
- O que é conhecer, como é a relação entre sujeito e objeto, seu significado e a importância do conhecimento para as coisas básicas da vida e para o nosso relacionamento em sociedade;
- Que Descartes foi um dos principais filósofos que ajudou a construir o racionalismo e com o seu “cogito, ergo sum” demonstrou como buscamos a verdade e o que pensamos ser verdadeiro;
- Com a professora Marilena Chaui, em seu texto, vimos o papel da consciência para que possamos nos compreender sujeitos no mundo, como pessoa e cidadão que se percebe um “sujeito do conhecimento”;
- Que existem vários tipos de conhecimentos, cada um com sua origem, estrutura e participação própria na construção do indivíduo;
- Os mais diversos tipos como o senso comum, o filosófico, o religioso e o científico, assim, como cada um influencia as nossas vidas, seus objetos de investigação e as metodologias que eles adotam para chegarem às suas conclusões;
- Ao final, trouxemos alguns exercícios do Enem para você poder exercitar e praticar filosoficamente e empiricamente.

9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANHA, M. L. A.; MARTINS, M. H. P. **Filosofando**. Introdução à Filosofia. 6 ed. São Paulo: Moderna, 2016.

BELO, R. S. **360º Filosofia**: histórias e dilemas. Vol. Único, 1 ed. São Paulo: FTD, 2015.

CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ed. Ática, 2000.

CORREIA, W. **Introdução à filosofia**: os diversos tipos de conhecimento. Disponível em: <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=4488>>. Acesso em: 20 jan. 2021.

CYRINO, H.; PENHA, C. **Filosofia hoje**. 2. ed. Campinas: Papirus, 1992.

DESCARTES, R. Discurso do método; Meditações; Objeções e respostas; As paixões da alma; Cartas / René Descartes (1596-1650). In: **Os Pensadores**. Trad. J. Guinsburg e Bento Prado Jr. 3 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

GLOBO.COM. **Educação**: Simplifique seus estudos para o Enem. Disponível em: <<http://educacao.globo.com/>>. Acesso em: 14 jan. 2021.

JAPIASSÚ, H.; MARCONDES, D. **Dicionário básico de filosofia**. 5 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

KANT, I. **Crítica da faculdade do juízo**. Trad. Valério Rohden e António Marques. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

SOUZA, C. **Metodologia da Pesquisa Científica**. Rio de Janeiro: UNESA, 2020.